



**Maria Helena Milliet levou dois anos para concretizar sua idéia de reunir numa mostra evocativa e retrospectiva o Grupo dos 19 de 1947.**

Eva Lieblich, Flávio Shiró, Jorge Mori, Maria Helena Milliet, Luiz Andreatini, Grassmann, Maria Leontina, Gruber, Octávio Araújo, Guersoni, Sacilotto, Wanda Godoy Moreira e Raul Müller Costa.

A idéia da exposição é de Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues, que levou dois anos para realizá-la entre sua idéia inicial e o vernissage de hoje. Eufórica, ela comenta:

— Na época, a mostra provocou debates acalorados entre os críticos de arte, o público e os artistas. Os críticos, ou eram favoráveis, caso de Sérgio Milliet e Lourival Gomes Machado, ou eram radicalmente contra, como o pintor figurativo Quirino da Silva. Al-

guns artistas nos apoiaram: Bonadei e Flávio de Carvalho, entre eles.

Antes de conseguir o MAM como local da mostra, Maria Helena procurou o Paço das Artes, mas não foi possível. No MAM, o critério adotado, o de revisão histórica, tem, também, preocupações didáticas. Daí, por regulamento, cada artista tem obrigação de mostrar sua evolução natural a partir de quadros da primeira exposição. O único que não faz isso é Mario Gruber, que expõe três telas recentes e uma projeção de slides de várias telas suas de diferentes épocas.

— Depois que o MAM do Rio de Janeiro se tornou um museu-pega-fogo está difícil conseguir, dos colecionadores, obras por empréstimo. Contornei o meu problema pessoal mostrando as placas originais de minhas gravuras que são, também, é claro, obras de arte.

O gravador Odetto Guersoni acrescenta: "O Grupo dos 19 não tinha idéia de grupo, nem filosofia ou ideologia, mas não tinha, também, o fanatismo dos concretistas que, além do mais, eram um grupo muito elitista e contestador. Há um fato positivo, hoje: todos os 19 estão vivos."

Sobre o motivo principal da mostra de hoje, Maria Helena Milliet diz: "Queremos que os jovens percebam o que fomos." E Wanda acrescenta apenas três palavras: "Leitura de tempo."

Sobre o número 19, eles afirmam que foi casual, poderia ser mais ou menos. Guersoni lembra: "Houve uma seleção prévia aberta a quem quisesse e sobraram dezenove, número casual fruto daquela seleção."

O júri, eleito pelos artistas, era composto de artistas e não de críticos de arte: Anita Malfatti, Segall e Di Cavalcanti. O pintor Flavio Shiró, que veio de Paris para a mostra, explica: "Eles eram mais velhos do que nós e nós aceitávamos o que eles diziam."

Os vencedores da primeira exposição, em 1947, foram Mário Gruber em primeiro lugar; Maria Leontina em segundo; Aldemir Martins em terceiro e Flavio Shiró em quarto. O único prêmio de desenho foi de Claudio Abramo e a condição exigida para participar, de todos eles, era de que fossem "novos" e "modernos". A exposição fica aberta um mês das 14 às 18 horas aos sábados e domingos e das 14 às 21 horas de terça a sexta.

Octavio Araújo

Marcello Grassmann



Mário Gruber

## Os dezenove, trinta anos depois.

Dos 19 artistas que se reuniram há trinta anos numa exposição antológica, só Claudio Abramo não está no MAM.

Não se tem notícia, em São Paulo de êxito igual (50 mil pessoas em 17 dias) para uma exposição, como a que aconteceu há trinta anos (19/4/1947) na Galeria Prestes Maia, então um lugar importante para mostras de artes visuais: a do Grupo dos 19 artistas então jovens em começo de carreira, como Marcello Grassmann ou Octávio Araújo.

O grupo — são seus integrantes que informam e relembram — "não tinha uma filosofia a seguir, uma linha única de pensamento estético, pois cada um fazia, como continua fazendo, o que desejava".

Os 19 artistas depois de apenas uma revisão do que fizeram realizada há dez anos (1968), vão estar novamente juntos hoje, às 19 horas, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (Ibirapuera), numa exposição evocativa-retrospectiva. Dela, só o jornalista Cláudio Abramo estará ausente, por não concordar em participar. Os presentes: Aldemir Martins, Antonio Marx, Charoux, Camerini,